

## TEÍSMOS E PODER

THEISMS AND POWER

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO(\*)

**Resumo**

O estudo se propõe pensar as relações dos diversos teísmos atuantes no Ocidente, enquanto forças e realizações simbólicas. Este exercício do poder acontece através da tensão entre instituição e mistério de ser de tal modo a explicitar um conjunto de significados de todo o real. Cada um dos monoteísmos históricos se afirma como unidade na exigência de acolher as diferenças na unicidade. A seguir a investigação se concentra na apresentação paradigmática do desafio originário do movimento cristão nos seus desafios de ser e de não ser.

**Palavras-chave:** Teísmos no Ocidente. Exercício do poder. Movimento cristão.

**Abstract**

This article aims to think about the relationships among the various active forms of theism in the West, thought of as forces and symbolic accomplishments. This exercise of power occurs by means of a tension between institution and the mystery of being, in such a way as to make explicit a set of meanings for all real. Each of the historical monotheisms states himself as a unity, demanding to taking up differences in the oneness. Later on, the inquiry concentrates on the paradigmatic presentation of the original challenge of the Christian movement, in its challenges of being and not being.

**Keywords:** Theisms in the West. Exercises of power. Christian movement.

**Riassunto**

Il presente saggio si propone di pensare i rapporti dei diversi teismi attuanti nell'Occidente come delle forze e realizzazioni simboliche. Questo esercizio del potere avviene attraverso la tensione fra istituzione e mistero dell'essere in tale modo che venga fuori l'insieme dei significati del tutto il reale. Ognuno di questi monoteismi se afferma come unità nell'esigenza di accogliere le differenze nell'unicità. Perfino la ricerca si concentra nell'interpretazione paradigmatica dell'esigenza originaria del movimento cristiano nelle sue sfide di essere e di non essere.

**Parole chiave:** Teismi nell'Occidente. Esercizio del potere. Movimento Cristiano.



(\*) Doutorado e mestrado em De Universa Philosophia – Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (1963). Possui graduação pelo Pontifício Atheneo Antoniano (1959). Professor titular emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor titular da Universidade Gama Filho. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, ética, verdade, história e pensamento.

As relações entre os teísmos e o poder formam um campo de batalha onde se debatem e batem o monoteísmo, o politeísmo, o panteísmo, o panenteísmo e o ateísmo.

Trata-se de potências históricas do Ocidente, no sentido de forças físicas de operação e simbólicas de determinação das atitudes e vivências, das posições e relacionamentos de indivíduos e grupos.

Aqui e agora vamos propor algumas reflexões de pensamento sobre ambas.

O veículo de exercício do poder é a instituição e a fonte de todos os teísmos é o mistério de ser e realizar-se de tudo que é e está sendo, de tudo que não é nem está sendo de tudo que está ainda por vir a ser.

No Ocidente, a história humana conheceu e conhece no sentido de “nascer com”, *connaitre*, a união dinâmica de três monoteísmos e de muitos politeísmos tanto na forma de panteísmo como na forma de panenteísmo: a saber o monoteísmo judaico: “Escutai Israel, o Senhor é Deus, o Senhor é um”; o monoteísmo cristão: “Creio em um só Deus”; o monoteísmo maometano: “Alá é um só”.

Esta unidade porém só se dá e acontece no segredo das crenças, pois na prática das ações e dos comportamentos se lhes vem ajuntar o poder da dominação, contestando, recusando e combatendo, com todas as forças, tudo que for outro e diferente. No exercício das relações concretas a imposição do poder repele toda a identidade entre eles, pois só aceitam igualdade sem diferenças nem diferenciação. Não tendo experiência de vida nem profundidade de conhecimento dos outros dois monoteísmos, vamos ater-nos aqui e agora apenas ao monoteísmo cristão, proliferado em muitas seitas e facções sobretudo hoje em nosso meio.

Cristianismo não diz em seu vigor originário poder histórico de dominação, de exclusão e recusa das diferenças. Ao contrário diz a autoridade da vida e pregação de Jesus o homem de Nazareth. O elã de sua mensagem não se restringe a instituições religiosas, com doutrinas, normas e culto, “a minha igreja vive na identidade, isto é, na igualdade e nas diferenças da religiosidade humana”. Esta união de convivência não diz sobretudo religião, diz sobretudo “amor” segundo as palavras de São João: “nisso reconhecerão todos que sois meus seguidores se amardes uns aos outros”. (Jo 13. 33-34). E São Paulo ao mencionar as três virtudes primordiais da vida cristã diz que a maior, no sentido da mais originária é o amor (1Co. 13, 13). Religiosidade não se reduz a religião, diz, sobretudo,

ágape, enquanto desprendimento de todo e qualquer poder na liberdade de todos os filhos de Deus. É o reconhecimento e aceitação do mistério presente em todos os homens e todos os seres. Tal é também o vigor histórico que sai do lema da cruz: “Jesus Cristo Filho de Deus Salvador”.

Ao por em questão a institucionalização da vida e da mensagem cristã nas muitas igrejas, o pensamento do mistério nos encaminha para o caminho de uma conversão, de uma mudança de mentalidade que passa da religião para a religiosidade, que vai do cristianismo do poder histórico de muitos para a autoridade e uma libertação de todos. É o apelo do *metanoite*, uma conversão e mudança no sentido de uma piedade livre que transforma todos em cada um e cada um em todos. Pois livre é a piedade que liberta a existência, este modo de ser aberto de todo homem das garras de um poder imperial nas instituições para avia-la ao acolhimento de todos os seres. É respondendo ao apelo quenótico do mistério (*quenonia*) que a mensagem cristã se transforma na convivência (*koinonia*) inaugural de uma nova vida (*kainonia*). É a metamorfose do homem histórico de Nazaré no Cristo da Fé, levando todos os seres para a *parusia* da salvação.

A diferença entre a fidelidade à mensagem e o racismo da discriminação vive deste movimento de identidade, isto é, das igualdades e diferenças entre a autoridade do mistério e o poder da dominação. Na posse e não de posse da autoridade do mistério o cristão vive sua vida encontrando sempre a novidade da criação em tudo até na iniquidade do crime e da destrutividade humana. Pois em que consiste ser dominador, por exemplo, - a resposta da autoridade do mistério na fé é: dominador é quem no crime só é capaz de ver crime e nada mais, enquanto o cristão de qualquer observância vê o mistério da humanidade em tudo até na iniquidade do crime. Por isso é que vencer o nazismo com nazismo não é uma vitória sobre o nazismo, mas uma vitória do nazismo.

Na posse do poder, a instituição impera certamente dentro de limites, mas de limites não admitidos no planetarismo da igualdade, e de uma igualdade não apenas sem diferenças, como sobretudo, refratária a qualquer diferenciação. O “*divide et impera*” do imperialismo político ou religioso funciona sempre em nome de Deus e\ou pela salvação dos homens na caça, na condenação e eliminação de hereges e heresias, de infiéis e adversários. Na errância do poder é a igualdade que não suporta diferenciação. Ser cristão ao contrário é encontrar Cristo em toda e qualquer forma de anticristo. Pois que outra boa nova teria trazido o evangelho senão o mistério da identidade entre judeu e grego, fiel e

infiel, crente e descrente, europeu e não europeu, entre ateu e crente, entre criminoso e não criminoso! Não será a negação desta identidade a fonte donde se origina qualquer indiferença e toda oposição! Que novidade poderia ter trazido o evangelho senão a novidade para todos os homens! Contra este entendimento plural da identidade na pregação cristã não raro se levanta a objeção da infalibilidade! Ora, recorrer a infalibilidade das decisões dogmáticas nunca poderá desfazer a virtude do amor com que o cristão une todos os homens e por um motivo bastante simples e evidente em sua simplicidade. Nenhuma definição, por mais infalível que seja, pode definir tudo de modo a não necessitar de interpretação. Uma definição que pretendesse definir tudo não definiria nada, perder-se-ia no percurso de sua própria pretensão. Pgressa num regresso infinito, não ingressaria em verdade alguma. Pois uma definição nunca poderá ser uma resposta “*semper et pro semper*” para a condição humana de vez que nenhuma resposta pode ser absoluta. Qualquer resposta será sempre um desafio para se pensar o mundo na fé e pela fé do acolhimento de vez que suscita a necessidade de sempre renovação do seu sentido. É o que Heidegger foi levado a pensar quando lembrou a todo crente “... se a fé não se expuser sempre à possibilidade da descrença, também não será fé mas comodidade e uma combinação consigo mesmo no sentido de ater-se sempre à doutrina como a uma tradição qualquer. Neste caso, já não há nem questionamento nem fé, mas somente a indiferença da neutralidade. Esta poder-se-á então ocupar-se de tudo, tanto de fé quanto de pensamento.”<sup>1</sup>

Infalibilidade é onipotência. é a pretensão de se poder dominar e controlar tudo. Em 1942 Simone Weil denunciou de seu exílio em Londres a relação íntima entre infalibilidade e “opressão espiritual e mental dos totalitarismos”. “É preciso reconhecer que estes mecanismos de opressão espiritual e mental dos totalitarismos foram inventados e introduzidos na história do Ocidente pela Igreja Cristã em sua luta contra as heresias” (WEIL, 1957, p. 141).

A característica própria da mensagem cristã é a comunhão do amor e não a imposição de padrões uniformizados. A fé não é uma questão de definir doutrinas e dever-ser. Toda definição é assujeitamento que esqueceu sua proveniência. Pois a fé desvela nas coisas velhas e novas, nas respostas antigas e modernas, nas vivências passadas, presentes e futuras, a presença criadora do mistério de ser. Não há palavra nem língua sagrada, todas as palavras que se dizem, todas as línguas que se falam são palavras e línguas humanas, todavia sendo sempre respostas do homem à linguagem do mistério que se retrai, não são

<sup>1</sup> Ver Martin Heidegger. *Introdução à Metafísica*, 2. ed., p.5.

apenas palavras e línguas humanas, mas remetem para o sobre-humano. A diferença referente entre autoridade e poder nos chega hoje em dia na virulência da funcionalidade de tudo e de todos. Em sua dinâmica histórica a pós-modernidade busca controlar micro-eletronicamente todas as possibilidades de viver e de realizar-se dos homens. É a presunção de todo humanismo. A verdade é, então, sempre uniforme e universal, por isso é que os cristãos muitas vezes acreditam que no cristianismo está toda a verdade de crer, na ciência toda a verdade de conhecer, na técnica toda a verdade de fazer. O agenciamento de toda esta pretensão se mostra hoje na universalidade do chip. Pois o que vale são as funções. Tudo que exercer a mesma função se equivale. Na busca do chip universal se concentram todos os desempenhos e toda esperança da dominação na atualidade.

Em oposição ao poder, autoridade supõe interioridade. Todavia interioridade não significa simples interior, nem mera suposição de estar dentro ou estar fora, seja de si mesmo ou do outro. As pedras possuem interior, estão ao lado de outras coisas, junto com animais, plantas, e homens no mundo. E, no entanto, não são nem têm interioridade. É que com a pedra as preposições “ao lado de”, “junto à”, “com”, expressam apenas situações transitórias enquanto coisas, enquanto interioridade, inclui relacionamento criativo com a totalidade e por isso exige o nada do mistério. Assim, interioridade é abertura para a totalidade de todas as diferenças e de todas as igualdades sem perda de unidade. Por isso, só o homem é interioridade e tem história. Dizer que o homem tem interioridade equivale a dizer que ao homem é dado sempre pelo mistério um encontro consigo mesmo e com todos os outros seres na abertura da *parusia*.

A referência pessoal nasce do e com o relacionamento das pessoas. Supõe interioridade que é sempre carismática e vive da e na autoridade do próprio encontro. Da perspectiva do poder o exercício da religiosidade não difere da relação funcional em que um manda e outro obedece. Ora, igualar poder a autoridade sem diferença é a mesma falta de espírito criativo tal como igualar salto de sapato a martelo em função do prego. Assim como se consegue “obediência” pela força do poder, assim também se consegue pregar prego com salto de sapato.

Reduzir obedecer a cumprir ordens é tornar-se escravo da funcionalidade subordinando o mais elevado modo de ser com o outro. Com esta obediência funcional nada tem a ver a autoridade da criação. Trata-se apenas de uma relação de poder. Onde campeia o poder dos sujeitos, seja em termos de força material, seja em termos de força simbólica,

não há lugar para a identidade do mistério. A autoridade é incompatível, portanto, com o poder e a persuasão. Pois ambos, poder e persuasão, pressupõem igualdade sem diferença e agem na funcionalização do real. Em contraste com a ordem igualitária das funções de força e persuasão, a autoridade da fé não se funda nem no poder das funções nem no poder das causas. Funda-se na liberdade de aceitar nas diferenças de todos os envios de um apelo (*kairós*) proveniente da gratuidade do mistério. A universalidade da fé não é uma universalidade abstrata que do poder de atropelar as diferenças extrai uma unidade em que tudo se equivale. A universalidade da fé é criativa, pois nasce e cresce com a progressiva renúncia a todo poder por já se ter sempre entregue confiante e na esperança da fé à luz obscura do mistério. Esta universalidade supõe e vive da criatividade. Supõe a verdade que liberta para a interioridade de todas as diferenças. Nos vórtices de sua realização não sente a exclusão, mas a inclusão de todas as possibilidades de crer de todos os seres humanos. A própria identidade o leva a outras diferenças pela e para a aceitação de uma pobreza radical. Longe de impedir, o penhor da identidade em todas as experiências religiosas leva o crente ao empenho de uma crescente convivência humana. O encontro não existe para os fiéis dobrarem os infiéis, mas para todos os humanos, crentes ou não crentes reconduzirem suas diferenças para a convivência de um com o outro. O sentido da universalidade da fé é a perda e renúncia a todo poder na obediência da pobreza do desprendimento e deixar ser o próprio mistério a fim de vir a ser um instrumento para paz para todos. É o sentido da vida de São Francisco de Assis na oração que lhe é atribuída: Senhor fazei de minha fé instrumento de paz e não de guerra.

Assim, pelo contínuo desencanto do poder o crente canta sempre nos encantos da convivência o canto da celebração do outro de todos os outros. É a crença salvadora a que se refere o poeta Hoelderlin na terceira estrofe do hino da humanidade de pão e vinho: “Um desafio permanece firme: seja ao meio dia ou se vá até a meia noite, sempre há na coexistência uma medida idêntica em todos os homens embora cada um tenha suas próprias diferenças. É que cada ser humano só vai e só chega até onde lhe é dado.”

#### REFERÊNCIAS

WEIL, Simone. *Escritos de Londres e Últimas Cartas*. Gallimard: Paris, 1957.

Recebido e aceito em julho de 2015